



João Paulo Coelho de Souza Rodrigues. A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas, Ed. da UNICAMP, 2001.

Quando política era assunto só para mortais

por *Claudia Barcellos*

Ao contrário de quem reside fora do Olimpo, eles são chamados de imortais. Os membros da Academia Brasileira de Letras (ABL), que acabaram de eleger Zélia Gattai para a vaga aberta pela morte de seu marido, Jorge Amado, em março escolherão o novo ocupante da cadeira que pertenceu ao senador Roberto Campos - cujo principal candidato, Paulo Coelho, autor de livros que já venderam 50 milhões de exemplares, suscita polêmica sobre seu real valor literário.

A criação da ABL foi minuciosamente estudada no mestrado do pesquisador de história social da cultura João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, que agora se transformou no livro "A Dança das Cadeiras". O historiador teve acesso a mais de 600 atas das reuniões desses primeiros 17 anos da academia, além de jornais e artigos acadêmicos da época, cartas pessoais e até votos, preservados no arquivo da instituição.

Baseada no modelo francês, que sempre privilegiou autores de reconhecida importância artística e intelectual, a ABL foi fundada em julho de 1897 e teve Machado de Assis como primeiro presidente, durante 13 anos. A instituição cultural a que almejavam esses primeiros "imortais" era uma maneira de se reunir e manter certa distância de um momento político de muita turbulência na República Velha.

"A Academia foi fundada movida pela desilusão daqueles homens na atuação política mais efetiva", afirma Rodrigues. "Os republicanos estavam descontentes e os monarquistas eram perseguidos. Quase não era mais possível participar do jogo político diretamente. Então eles imaginaram um refúgio, que era a ABL."

Naquela época, quase ninguém se sustentava como escritor (hoje é diferente?). Todos tinham empregos e muitos trabalhavam no setor público. "Nos encontros, a idéia era discutir questões literárias, defender o ponto de vista da literatura, preservar e admirar a cultura brasileira", conta Rodrigues. Os acadêmicos queriam ganhar visibilidade sem se meter na esfera política. "Havia uma concordância em manter o novo espaço despolitizado e em tal paz que resultasse uma forte união na defesa das letras e da língua nacional", escreve o pesquisador.

"Entretanto, apesar de a ABL se ter apresentado como um lugar para escapar da política, desde seu início ela foi marcada por atividades políticas. Os grupos que se reuniam em torno deste ou daquele acadêmico, a engrenagem da academia, tudo isso era política", afirma o historiador.

Com o tempo, a instituição viu crescer o peso cultural que tinha naquele momento histórico. "Eles estavam preocupados com a defesa de que o escritor tem de viver do que escreve e também com a institucionalização do cânone literário. Os acadêmicos também tencionavam que a figura do escritor fosse respeitada e austera, o que parcialmente conseguiram pela primeira vez na história do país", declara Rodrigues.

Uma das primeiras controvérsias de grande vulto surgidas com os integrantes da ABL dizia respeito à reforma ortográfica. Até ali, não havia uma série de normas nem de regras afixadas e seguidas para a ortografia, que, assim, variava muito. Rodrigues explica que se podia encontrar a palavra ônibus escrita de forma diversa em diferentes locais.

"Teve início, então, um movimento pela simplificação da ortografia e, por causa da reação da sociedade, a Academia resolveu empregar as normas que estabeleceu apenas nas próprias

publicações", observa o autor. "Em 1907, a ABL aprovou essa reforma. Portugal só empreenderia a sua reforma ortográfica em 1911 e ela não seria seguida no Brasil."

A história cultural do começo do século XX certamente não teria sido a mesma sem a criação da ABL, "mais ambígua, controvertida, complexa e, por causa disso, interessante do que se possa imaginar", como destaca o autor.

A morte dos fundadores e o fortalecimento de uma geração mais jovem e mais ligada à República, então pacificada, permitiram que a ABL se voltasse ao velho dilema de se abrir ou não aos "medalhões" do momento. Daí à aproximação gradativa com os governos dominantes foi um grande passo, que caracterizaria as atividades da Academia até o início deste século.

* Publicado em Valor Econômico: Eu&; 22/01/2002, Ano 3, n. 431.